

# ANTÓNIO SARDINHA

## POESIA

Organização e fixação do texto  
JOSÉ MANUEL QUINTAS  
MANUEL VIEIRA DA CRUZ

Com um estudo de  
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA



## Sumário

Nota editorial . . . . .	9
I. Obras publicadas em vida do Autor . . . . .	15
<i>Tronco reverdecido</i> (1910) . . . . .	17
<i>A Epopeia da Planície</i> (1915) . . . . .	127
<i>Quando as nascentes despertam</i> (1921) . . . . .	277
<i>Na Corte da Saudade</i> (1922) . . . . .	419
<i>Chuva da tarde</i> (1923) . . . . .	467
II. Obras publicadas postumamente . . . . .	501
<i>Era uma vez um menino</i> (1926) . . . . .	503
<i>Roubo de Europa</i> (1931) . . . . .	533
<i>Pequena casa lusitana</i> (1937) . . . . .	543
III. Dispersos . . . . .	641
<i>Doze sonetos</i> (1973) . . . . .	643
Outros poemas . . . . .	657
O Neo-Romantismo lusitanista e a poética de António Sardinha, por JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA . . . . .	665
Índice geral . . . . .	865

## As Origens

Poema das Origens – quem pudera  
cantar-lhe a estrofe antiga e sem rival!  
Era cantar a manuelina esfera  
que foi o anel no mar de Portugal!

Cabo da Roca, dá-me a rima austera  
tu que és o adeus do mundo ocidental!  
Que o sangue fale, quando o sangue impera,  
que fale a voz da Pedra e do Metal!

Galopa um Toiro arrebatando Europa.  
E enquanto às upas sobre o mar galopa,  
abre o poema vitoriosamente.

Ó homem primitivo, quem pudera  
cantar com alma a tua Primavera  
no amanhecer da terra adolescente!

## Cabo da Roca

Aqui acaba toda a terra antiga,  
começa aqui a tentação do mar.  
Europa – ainda era rapariga –,  
sentou-se aqui um dia a descansar.

Vinha de longe, andando com fadiga,  
vinha de longe, andando sem parar...  
Em frente ao mar, que o rosto lhe fustiga,  
logo pensou Europa em se casar.

Pediu-a p'ra mulher o Padre-Oceano.  
Entre sereias, conchas e golfinhos,  
as ondas lhe bordaram o enxoval.

E quando o noivo a recebeu, ufano,  
nestes penhascos rústicos, sozinhos,  
deram os dois o ser a Portugal.

## Invocação

Cingida de folhagem de azinheira,  
onde é que vais, mulher acastelada,  
nas tuas mãos erguendo, sobranceira,  
em vez de roca, uma aguerrida espada?

De rosto emoldurado na viseira,  
nem a Valquíria audaz da cavalgada  
tem uma torre assim por companheira,  
tem a armadura assim tão bem lançada!

Ó Lusitânia, ó grande madre antiga,  
com oiro e ferro a guarnecer-te a veste,  
como se fosse um velho armorial,

em tudo quanto eu sinta e quanto eu diga,  
seja comigo o teu acento agreste,  
seja comigo o teu sabor rural!

## Viriato

Deus fez a Terra. E a Terra fez a Raça.  
Da Raça e mais da Terra tu vieste.  
(O barro anónimo encarnou por graça  
e a treva encheu-se dum clarão celeste!)

P'ra trás de ti há só a névoa baça,  
há só a argila que o teu corpo veste,  
parente das raízes, em quem passa  
toda a rijeza duma noite agreste!

Porque és ajuda e segurança antiga,  
pode bem ser que a tua voz consiga  
guardar dos lobos o revoltado gado...

Erguido sobre os longes pardacentos,  
ó filho das levadas e dos ventos  
acode ao teu rebanho tresmalhado!

## Portucale

Junto do rio o burgo amarulhado  
contempla as águas com profundo gozo  
– torres cristãs, românico traçado,  
e o castro ao cimo, rude e pedregoso.

Um coração que bata compassado  
lembra batendo o velho burgo ansioso.  
E o burgo oscila como que embarcado  
– oscila sobre as águas em repouso.

Chamou-se Portucale o burgo antigo.  
À flor das ondas, a cismar consigo,  
é terra ainda e já pertence ao mar!

Nasceu depois um reino pequenino.  
E porque herdou do burgo o seu destino,  
tomou-lhe o nome, ao ir-se baptizar.

## Mumadona

A hora em que o trabalho se abandona,  
sentada em tua torre com nobreza,  
tu és, rezando, ó velha Mumadona,  
a boa avó da Terra portuguesa!

Nome de pergaminho que emociona  
– desses de grande inicial acesa,  
não há nenhum assim de antiga dona,  
tão belo como o teu em singeleza!

Olhas em torno, gótica senhora.  
E enquanto a luz se extingue, cismadora,  
suspendes-te na tarde, a meditar.

Não sabes bem dizer o que tu sentes.  
Isso que importa? As lanças reluzentes  
darão um dia forma ao teu pensar!



## O Nobiliário

Começa a geração em D. Fruela.  
E vem depois um conde incerto e vago  
que numa noite negra de procela  
filhou a moça que ia a Santiago.

Do gótico barão, por via dela,  
outro barão nasceu, maior que um drago.  
Foi tronco de robusta parentela  
e diz o Nobiliário que era gago.

Seguem-se algumas folhas carcomidas,  
onde nos faz menção de tantas vidas  
a tinta já sem forças, amarela.

E é tudo quanto resta porventura  
do gótico barão, que em noite escura  
filhou a moça que ia a Compostela!

## *Tarasia domina nostra*

Onde é que irás, montada nessa mula,  
com cavaleiros a trotar ao lado,  
enquanto sobre ti flameja e ondula  
grosso pendão por tuas mãos bordado?

Onde é que irás?...

Um frade lê a Bula  
ao povo que o rodeia, alvorotado.  
E em som de guerra, num clamor que ulula,  
marcha contigo todo o teu Condado.

Infanta de Leão, senhora minha,  
onde é que irás com modos de rainha,  
de manto ao vento, p'los barrancos fora?

E voa, corre, em febre que não finda...  
É Portugal que está no ventre ainda  
– é Portugal que vai nascer agora!

## Poema dos vilões

Eu cantarei os velhos povoadores  
– gentes de homizio e rude vilanagem,  
que à sombra dos castelos protectores,  
foram lavrando todo o chão selvagem!

Por seu poder de eternos semeadores,  
as vilas se enraizavam na paisagem.  
E em vindo a Primavera, soffredores,  
lá iam p'r'o fossado e pr'a carnagem!

Ninguém lhes sabe o nome ingénuo e tosco.  
Mas quando o pão nos santifica a mesa,  
são esses bons avós que estão connosco.

Sem eles, tristes, a puxar o arado,  
a nossa terra, a terra portuguesa,  
ficava sempre um negro descampado!

## Soneto da Conquista

Ó grandes cavaleiros afonsinos,  
bailando no terreiro da capela,  
deixai moças da Maia e verdes pinos,  
que é tempo agora de saltar p'r'a sela!

E rompe a cavalgada ao som dos sinos  
– e galga matagais que a morte gela...  
Os que tornarem, graves peregrinos,  
irão depois em voto a Compostela.

«Por Santiago!»

E a terra se dilata.

Ao longe o Tejo é campo cor de prata,  
a cuja orla a hoste se detém.

Brilha o sinal de Cristo sobre os peitos.  
E os cavaleiros, sempre insatisfeitos,  
voltam cismando no que está p'ra além...

# Manhã de Ourique

## I

Manhã de Ourique. No escampado imenso  
a madrugada avança com ternura.  
Ei-la a romper como se fosse um lenço,  
nas mãos de Deus abrindo a sua alvura.

Depôs Afonso a espada. Um ar de incenso  
subiu, subiu, até ganhar a altura.  
E assim a Terra, com Jesus suspenso,  
lembra uma cena antiga da Escritura.

Caiu depois a excomunhão na Raça.  
Quando a manhã desponta é sempre baça,  
não tem a luz dessa manhã de Ourique!

Voltemos à raiz! E em chão lavrado,  
sobre o que houver de Portugal passado,  
que Portugal de novo se edifique!

## II

Deu-te o Senhor p'ra o escudo as Cinco-Chagas,  
o teu sinal é o Sinal da Cruz.  
E eu creio assim que em tua carne tragas  
a Santa Face, aberta a sangue e luz.

Quando te vejo o sulco das adagas,  
eu julgo ver o corpo de Jesus.  
A ânsia de sofrer com que te chagas,  
ó alma ardente, aonde te conduz?

Tu deste do teu ser ao mundo inteiro,  
batendo-te por Cristo verdadeiro,  
ó Cristo das Nações, ó Portugal!

E agora roxo, com um ar funéreo,  
a ti que dilataste a Fé e o Império,  
ninguém te limpa o teu suor mortal!

## O Rei

*«Nos liberi summus, rex noster liber est  
et manus nostrae nos liberaverunt.»*

Eles o afirmam com aspeito grave  
– eles o afirmam com profunda voz.  
Um coro imenso reboou p’la nave:  
– «O Rei é livre e livres somos nós!»

– «O Rei é livre!» E o grito de Almacave  
não foi somente o grito dos Avós.  
Por mais que o tempo em nossas veias cave,  
nunca desata esses antigos nós!

«O Rei é livre!» E com o seu elmo erguido,  
é Portugal tornado corpo e alma  
na sucessão do tempo indefinido!

O sangue o diz! E o sangue não se engana!  
Que ver o Rei na sua força calma,  
é ver a Pátria com figura humana!

## O Foral

«*In nomine Domini...*»

E começa  
o lento e já cansado pergaminho.  
Ainda é tempo de moirama espessa  
– ainda o Leonês é mau vizinho!

Tomou o Rei a vila. E sem que o peça,  
deu-lhe o foral em mostras de carinho.  
Tributos, de os pagar, não tenha pressa  
– e cobre mais um tanto sobre o vinho.

Virá de Santarém ou Salamanca  
(Mestre Herculano, vê se o discriminas!)  
a geração longínqua do foral?

Assim, desfeito, a letra quasi branca,  
foi dado a certa vila entre colinas,  
mais velha do que o velho Portugal!



## Velho Cantar

No rude figueiral, no figueiredo  
– no rude figueiral um dia entrei!  
Pois seis meninas, como num degredo,  
foram os figos que eu ali achei!

Meninas lindas, de rostinho quedo,  
quem vos maltrata e com tão dura lei?  
Ai, figueiral, meu rico figueiredo,  
valha-me o ramo que eu de ti cortei!

Ai, figueiral, meu figueiredo amigo,  
onde as meninas do rimance antigo,  
mais saborosas que o jantar do Rei?

Eram p'ra outro: eu as livreii cantando!  
Mas não me quis nenhuma desse bando,  
por quem no figueiral um dia entrei!

## O Romanceiro

Quero aprender contigo, ó Romanceiro,  
a antiga geração de Portugal.  
És livro de família verdadeiro  
– és livro de família sem igual!

Altas linhagens de alto cavaleiro  
– comprida espada, grande armorial,  
não há ninguém, nem bispo nem guerreiro,  
tão bem honrado em árvore ancestral!

Sempre que um vento mau nos ameaça,  
genealogia lírica da Raça,  
procuro ouvir-te inspiradoramente!

Sou lusitano – e de raiz profunda.  
Mas é mais forte a força que me inunda  
se me embalar a tua voz ardente!

## Rimance de Beringela

### I

Largou a frota. Lá partiu a armada!  
Ei-la arrancando sobre um mar de enganos!  
Ó Beringela, princesinha amada,  
onde te levam com tão verdes anos?

Menina e moça, onde é que vais, tirada  
dos teus risonhos paços lusitanos?  
Antes p'las bruxas fosses tu chupada  
– antes vendida fosses aos ciganos!

Por mais que em ti o coração se canse,  
ó pobre Silvaninha do rimance,  
nem mesmo os teus parentes tu condóis!

Irmã da infanta que guardava patos,  
não tornas mais a ver os teus regatos,  
secou-se o teu jardim de girassóis!

### II

Secou-se o teu jardim. E tu secaste.  
Secou-se o teu corpinho de oaristo.  
Lá onde te levaram, por contraste,  
se havia sol, o sol não era visto!

«O sol! O sol!» – Por ele em vão bradaste.  
E o sol não respondeu. Talvez por isto:  
– talvez, roseira que perdeu a haste,  
por ser país fora da lei de Cristo!

«O sol! O sol!» – morreste suspirando,  
sem girassóis, com frio e neve apenas,  
meu lindo amor de gesto lento e brando!

Ó Beringela, ó doce princesinha,  
assim defunta, com as mãos pequenas,  
que sol em teu sorriso se adivinha!